

Práticas Escolares nas Escolas-Classe de Brasília nas Colunas da Jornalista Yvonne Jean (1962)

School Practices in Class Schools in Brasília in the Columns of Journalist Yvonne Jean (1962)

Juarez José Tuchinski dos ANJOS¹

Resumo

O objetivo do artigo consiste em analisar as práticas escolares nas escolas-classe de Brasília conforme veiculadas nas colunas da jornalista Yvonne Jean publicadas no jornal Correio Braziliense, no decorrer do ano de 1962. Em termos metodológicos, após a leitura das colunas, foram identificados dois conjuntos de práticas escolares sobre os quais Yvonne Jean escreveu: campanhas escolares e práticas de expressões artísticas. Ao recortar a realidade e tingi-la nas páginas do jornal, a jornalista pôs em destaque as práticas que melhor correspondiam ao espírito da escola ativa, fazendo de sua coluna uma vitrine das realizações da educação em Brasília.

Palavras-chave: História da Educação. Brasília. Práticas Escolares. Yvonne Jean.

Abstract

The objective of the article is to analyze the school practices in the class schools of Brasília as conveyed in the columns of the journalist Yvonne Jean published in the newspaper Correio Braziliense, during the year of 1962. In methodological terms, after reading the columns, two sets of school practices that Yvonne Jean wrote about were identified: school campaigns and artistic expression practices. By cutting out reality and coloring it in the pages of the newspaper, the journalist highlighted the practices that best corresponded to the spirit of the active school, making her column a showcase of the achievements of education in Brasília.

Keywords: History of Education. Brasília. School Practices. Yvonne Jean.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná, na linha de História e Historiografia da Educação (2015). Professor Adjunto de História da Educação e História da Educação Brasileira no Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Modalidade Profissional) da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Educação com estágios de pós-doutorado na área de História da Educação na Universidade Federal do Paraná - UFPR (2015-2017) e na Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2023-2024). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7560916850762011>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>. E-mail: juarezdosanjose@yahoo.com.br

Introdução²

Ao longo da década de 1960, ocorreu, na recém-inaugurada Brasília, a implantação do que se queria como um inovador sistema de ensino, que ia do jardim de infância à universidade, proposto pelo educador Anísio Teixeira, então, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP)³. Esse sistema, adaptando-se ao plano urbanístico da cidade elaborado por Lúcio Costa, em relação ao ensino elementar, previa a existência, para cada quadra residencial, de um jardim de infância, para crianças de 5 a 6 anos e uma escola-classe, escola primária para crianças de 7 a 14 anos “em curso completo de seis anos ou séries escolares” (Teixeira, 1961, p. 195). Para cada quatro quadras residenciais, haveria uma Escola Parque, a ser frequentada pelas crianças do primário em contraturno. Estas escolas seriam “destinadas a completar a tarefa das ‘escolas-classe’, mediante o desenvolvimento artístico, físico e recreativo da criança” (Teixeira, 1961, p. 195).

O mote pedagógico deste sistema de ensino era o da Escola Ativa, conhecida no Brasil como Escola Nova. Isso fica implícito quando Anísio Teixeira declara:

Quanto à educação para todos, isto é, a elementar, o seu característico, no programa proposto, é o de *juntar o ensino propriamente intencional*, da sala de aula, com a *autoeducação* resultante de atividades de que *os alunos participem com plena responsabilidade*. Por isso, a escola se estende por oito horas, divididas entre atividades de estudo e as de trabalho, de arte e de convivência social. No centro de educação elementar, a criança, além das quatro horas de educação convencional, no edifício da “escola-classe”, onde *aprende a “estudar”*, conta com outras quatro horas de atividades de trabalho, de educação física e de educação social, atividades em que *se empenha individualmente ou em grupo, aprendendo, portanto, a trabalhar e a conviver*.

² Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa “Culturas escolares da escola primária nas colunas da jornalista Yvonne Jean (Brasília, década de 1960)” desenvolvida durante estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia sob supervisão da professora doutora Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro.

³ Para uma visão detalhada do sistema de ensino, ver Teixeira (1961) e Anjos (2022a). Em função do escopo deste artigo, nos focaremos somente naquilo que, dentro desse sistema, dizia respeito ao que, à época, era chamado de ensino primário e que, em Brasília, seria denominado de ensino elementar.

Pode-se bem compreender que modificações deverão ser introduzidas na arquitetura escolar para atender a programa dessa natureza. *Já não se trata de escolas e salas de aula*, mas de todo um conjunto de locais em que as crianças se distribuem, entregues a atividades de “estudo”, de “trabalho”, de “recreação”, de “reunião”, de “administração” e *de vida e convívio no mais amplo sentido desse termo* (Teixeira, 1961, p. 197, *grifos meus*).

Autoeducação, ensino intencional, participação dos alunos, aprender a estudar, vida e convívio são palavras-chave que apontam para alguns elementos basilares da pedagogia da Escola Nova, particularmente, a centralidade da criança no processo educativo (Carvalho, 2002). De fato, num primeiro momento, foi apenas com essas ligeiras indicações que as primeiras professoras de Brasília contaram em sua prática pedagógica nos primórdios da cidade, não tendo sido encontradas evidências de que Anísio Teixeira tenha elaborado diretrizes pedagógicas mais aprofundadas para o sistema que propôs.

Por outro lado, entre os anos de 1957 e 1964, sabe-se, com certeza, que inúmeras professoras primárias de Brasília fizeram cursos de aperfeiçoamento no INEP, no Rio de Janeiro, onde tomaram contato com o caldo pedagógico propugnado pela gestão de Anísio Teixeira para aquele órgão (Melo, 2016). Assim, não parece improvável que as docentes conhecessem outras ideias do educador, então em circulação. Pensando no nível das possibilidades históricas (Davis, 1987) isso, sem dúvida, deu espaço para que – e aqui reflito com Michel de Certeau (1999) –, diante da *estratégia* representada pelo sistema de ensino anisiano, professoras e alunos produzissem um sem-número de *táticas*, “artes de fazer” bricolagens e produzir o cotidiano da escolarização na capital.

Uma testemunha privilegiada desse processo foi a jornalista belga, radicada brasileira, Yvonne Jean (1911-1981). Instalando-se na nova capital em 1962 para trabalhar no setor de extensão cultural da Universidade de Brasília (Teixe, 2017) – após duas décadas de atuação na imprensa e no cenário cultural do Rio de Janeiro e São Paulo (Mineirini Neto, 2019), desde sua chegada ao Brasil fugindo da Segunda Guerra em

1940 (Silva, 2019) –, manteve, no jornal *Correio Braziliense*⁴, concomitantemente, colunas dedicadas ao ensino e a promoção da cultura no Distrito Federal. Particularmente, durante o ano de 1962, na coluna “Correio Estudantil – Ensino Dia a Dia”, registrou algumas das práticas educativas realizadas nas Escolas-Classe da capital, que eram por ela constantemente visitadas⁵. Trata-se de relatos sobre aquilo que Anne-Marie Chartier denominou de fazeres ordinários em classe, “um metadiscorso que nos permite falar da escola na escola, para que se possa dizer, se fazer ver, se narrar, se deixar interrogar e pensar o trabalho ordinário dos docentes” (Chartier, 2000, p. 168). Dada a riqueza de detalhes presente nas narrativas de Yvonne Jean, mesmo produzidas fora da escola, informam de forma bastante densa sobre o que ocorria no seu interior, sendo, por isso, uma interessante fonte para o conhecimento histórico sobre inícios da educação brasiliense e as práticas de professoras e alunos naquele momento.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo, de cunho historiográfico, consiste em analisar as práticas escolares nas escolas-classe de Brasília conforme veiculadas nas colunas da jornalista Yvonne Jean, no decorrer do ano de 1962⁶.

Em termos metodológicos, após a leitura da coluna “Correio Estudantil – Ensino Dia a Dia” no marco temporal delimitado, foram identificados dois conjuntos de práticas escolares sobre os quais Yvonne Jean escreveu: campanhas escolares e práticas de expressões artísticas. Nas páginas que seguem, convido o/a leitor/a debruçar-se comigo sobre cada um desses conjuntos, fazendo uma leitura a contrapelo (Benjamin, 1987) dos relatos da jornalista, para exumar e interrogar as práticas escolares/ fazeres ordinários das primeiras professoras e alunos das escolas-classe da capital federal. Ao final, serão tecidas algumas considerações, a título de conclusão.

⁴ O *Correio Braziliense* era um braço do maior conglomerado de mídia da época, os Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Foi lançado em 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília, circulando até os dias de hoje. Manteve uma postura governista ao longo de sua primeira década de existência, contribuindo para o processo de consolidação da nova capital. Sobre sua história, ver Morelli (2002). Acerca de sua relação com a educação no Distrito Federal, conferir Anjos (2022b; 2022c).

⁵ De maneira geral, Yvonne Jean visitava escolas localizadas no Plano Piloto de Brasília, situadas a pouca distância umas das outras, o que, certamente, facilitava seu deslocamento entre elas. Em algumas ocasiões, porém, visitou e escreveu também sobre escolas existentes nas então cidades-satélites do Distrito Federal.

⁶ Embora as colunas de Yvonne Jean tenham sido publicadas ao longo de toda a década de 1960, foi, para o ano de 1962 que encontrei evidências mais abundantes sobre as práticas escolares das Escolas-Classe de Brasília, o que delimitou, assim, o recorte temporal deste artigo.

Campanhas escolares

As campanhas escolares constituem-se em momentos privilegiados nos quais se podem flagrar as relações travadas entre os fazeres ordinários da instituição escolar, seus atores e a sociedade na qual estes estão inseridos. Em Brasília, eram, possivelmente, fruto de uma leitura que faziam as professoras primárias e alunos das concepções pedagógicas de Anísio Teixeira em circulação, que, para além do plano de construções escolares da capital, em outro de seus escritos, acerca de suas experiências no Centro Educacional Carneiro Ribeiro da Bahia (que inspiraram a proposta brasiliense), defendia que

a filosofia da escola visa oferecer à criança um retrato da vida em sociedade, com as suas atividades diversificadas e o seu ritmo de “preparação” e “execução”, dando-lhe as experiências de estudo e de ação responsáveis (Teixeira, 1962, p. 25).

A escola deveria refletir situações da vida real ao mesmo tempo em que preparava os escolares para a vida em sociedade. Yvonne Jean partilhava dessa mesma visão do educador baiano, como se depreende de uma opinião emitida em 8 de junho de 1962 acerca das mobilizações de estudantes em prol da caixa escolar⁷:

A verdadeira camaradagem, a responsabilidade de tarefas executadas em conjunto, a liberdade de iniciativa, tornam a escola primária uma verdadeira escola no sentido mais amplo da palavra. Uma escola para a vida (Jean, 1962a, p. 9.)

Não por acaso, as campanhas escolares registradas nas colunas da jornalista, como veremos, sempre almejavam melhorias coletivas para a instituição escolar e/ou à comunidade, contribuindo para uma maior

⁷ “A Caixa Escolar foi e ainda é – de fato sua história chega até nossos dias – um mecanismo de financiamento da educação de alunos pobres, ou, como diríamos no presente, em situação de vulnerabilidade social. Ventilada ainda em fins do Império como uma estratégia que poderia criar condições de exequibilidade da escolarização do estudante pobre, fornecendo-lhe roupas e materiais escolares, por exemplo, teve largo emprego ao longo do período republicano, mantendo-se em funcionamento, no presente, em muitos estados brasileiros.” (Luz e Anjos, 2022a, p. 176). Sobre as caixas escolares em Brasília, ver Luz e Anjos (2022b).

eficácia das finalidades educativas da escola, tendo, como protagonistas, os próprios alunos, crianças entre 7 e 14 anos de idade.

Uma primeira campanha escolar abordada por Yvonne Jean, foi a realizada pelos alunos da Escola-Classe 206 sul⁸, em prol da criação de uma biblioteca para o estabelecimento:

É de uma das iniciativas das próprias crianças que falarei hoje: a biblioteca. Foram as crianças que decidiram que precisavam quanto antes de uma biblioteca. Foram as crianças da 4ª série que pediram licença à diretora para visitar as livrarias do Plano Piloto. Foram as crianças que convenceram os comerciantes a cooperarem, conseguindo assim grande número de livros de ótima qualidade (refiro-me, evidentemente, ao conteúdo). Os livros já estão sendo procurados, lidos. E as crianças que os conseguiram planejam, desde já, a inauguração oficial da Biblioteca. Provavelmente em agosto. Será, sem dúvida, uma bela inauguração à qual, evidentemente, assistiremos (Jean, 1962b, p. 9).

Em 1962, havia, no plano piloto de Brasília, somente duas bibliotecas em efetivo funcionamento: a da Escola Parque, nas entre quadras 307 e 308 Sul e a Biblioteca da Universidade de Brasília, então em fase de formação. Anteriormente, existiu, por um breve período, a Biblioteca e Discoteca Visconde Porto Seguro, que funcionou entre 1959 e 1961 nas quadras 707/708, na W3 Sul (Duarte, 2011). Essa biblioteca foi literalmente despejada em 1961 e parte do seu acervo enviado à Biblioteca da Escola Parque (Madeira, 2019). Assim, torna-se compreensível que, em 1962, as crianças da Escola- Classe 206 Sul tenham sentido necessidade de dotar a sua escola com uma biblioteca, que pudesse atender sua demanda de acesso ao mundo da leitura. Contando com apoio do corpo do docente, foram elas, contudo, as protagonistas deste empreendimento, colocando em prática um dos ideais da pedagogia da Escola Nova anunciado por Anísio Teixeira no brevíssimo plano de construções escolares de Brasília: a participação dos

⁸ Para governo do leitor, cumpre esclarecer que, em Brasília, as escolas-classe levavam o nome da quadra em que se localizavam. Como as quadras são denominadas por números, o nome Escola-Classe 206 Sul, por exemplo, designava a escola primária existente na Superquadra 206 da Asa Sul. A mesma observação vale para as demais escolas mencionadas neste estudo.

alunos nos processos de sua educação.

A campanha empreendida, segundo Yvonne Jean, contou, inicialmente, com a licença da diretora da escola para que as crianças – se em horário escolar ou não, a jornalista não informa – visitassem as livrarias do Plano Piloto, para angariarem exemplares para sua biblioteca. Estas, teriam negociado e convencido os comerciantes a colaborarem, “conseguindo assim um grande número de livros de ótima qualidade”. E, embora a biblioteca ainda não estivesse formalmente inaugurada – o que se esperava realizar do mês de agosto daquele ano – “os livros já estão sendo procurados, lidos”, o que demonstra o interesse dos alunos pela leitura como verdadeiro motivador da campanha empreendida. É oportuno observarmos, ainda, ter sido a campanha uma iniciativa dos alunos da 4ª série, isto é, mais adiantados e possivelmente já dominando bem a leitura. Foram, assim, jovens leitores que deram princípio a toda a movimentação, não sem contar, como se viu, com o apoio de outros adultos (professoras e comerciantes) que, ao aderirem à campanha, garantiram o seu êxito. De fato, essa é uma característica das campanhas escolares: promover a interação e colaboração da escola com a comunidade e vice-versa.

Nas escolas-classe, fazer campanhas parece ter sido uma prática recorrente, a julgar pelo que registrou Yvonne Jean acerca das realizadas pelos alunos da Escola-Classe 107 sul:

Os alunos da escola 107 fazem muitas campanhas. Não pensam exclusivamente no ajardinamento da quadra. Fizeram a campanha do vidro para conseguir vidros quebrados por visitantes noturnas e outra chamada “Campanha do Cadeado” para impedir que se entre na escola quando esta fica vazia. Fizeram a “Campanha do Agasalho”, reunindo roupas que vão distribuindo ao hospital distrital. “Sabe” explicou-me um dos alunos “existem em Brasília milhares de crianças que não tem sapatos, suéter, camisa? Não é justo, não é? Reunimos roupas e damos a estas crianças que vimos no hospital, doentes e com frio”. Agora o quinto ano promove a “Campanha da Farmácia”. Luís Fernando Nardelli Pinto – o Lula – explica: “Pedimos à diretora que a campanha fosse realizada pelo quarto ano. Grande já tem cabeça, não é? Pequeno ainda é atrapalhado. Achamos que o quarto ano poderia bem se desincumbir dessa campanha.” Ainda preparam outras campanhas. Excelente iniciativa que

desenvolve a cooperação de todos para melhoramentos da sua escola que é de todos e também seu espírito cívico (...) (Jean, 1962c, p. 9).

Nas palavras de Yvonne Jean “os alunos da escola 107 fazem muitas campanhas”. Só das que são enumeradas por ela, temos as seguintes: 1) Campanha de ajardinamento da quadra; 2) Campanha do vidro “para conseguir vidros quebrados por visitantes noturnos” para a escola; 3) Campanha do Cadeado “para impedir que se entre na escola quando esta está vazia”; 4) Campanha do Agasalho “reunindo roupas que vão distribuindo ao hospital distrital” 5) E, no momento em que a notícia era dada, a “Campanha da Farmácia”, cuja finalidade, contudo, não é esclarecida pela colunista.

Como podemos perceber, as campanhas que agitavam a Escola-Classe 107 Sul voltavam-se tanto a problemas da instituição – como sua conservação e proteção – quando a necessidades sociais mais amplas, como as crianças atendidas pelo hospital distrital ou o embelezamento da quadra da escola. Assim, vemos as crianças agindo a favor da escola e da comunidade, mais uma vez, manifestando aquela união indissociável entre escola e vida, tão defendida por Anísio Teixeira e pela própria Yvonne Jean. Não são menos interessantes as opiniões emitidas pelos alunos e registradas pela pena da jornalista sobre as motivações ou *modus operandi* de algumas das campanhas.

Sobre a Campanha do Agasalho, um dos alunos teria afirmado à repórter: “Sabe (...) existem em Brasília milhares de crianças que não têm sapatos, suéter, camisa? Não é justo, não é? Reunimos roupas e damos a estas crianças que vimos no hospital, doentes e com frio”. A fala deste aluno, não identificado, é reveladora de que os escolares eram levados por suas professoras a fazerem visitas a espaços públicos da capital, como o hospital distrital, onde tiveram oportunidade de ver a situação de algumas crianças internadas e, com isso, sensibilizarem-se em auxiliá-las com roupas. Não se tem notícia até aqui de que em Brasília tenham existido as “Ligas da Bondade” – instituição auxiliar da escola incentivada pela pedagogia da Escola Nova que visava desenvolver nos estudantes valores como caridade e solidariedade e que foram estudadas por Franciele Otto (2012) em Santa Catarina – mas é interessante notar como as visitas e campanhas que eventualmente elas desencadeavam, adquiriam um caráter

educativo, no sentido de transmissão de hábitos, condutas e comportamentos (Anjos, 2015) às crianças no tempo da infância, inculcando sentimento de solidariedade e caridade.

Acerca da Campanha da Farmácia, cujo objetivo desconhecemos, percebemos que havia uma divisão de tarefas pensada pelas crianças, com a aquiescência da diretora da escola. O aluno Luís Fernando Nardelli Pinto, apelidado de Lula, explicou que houve um pedido de sua turma – o 4º ano – para que eles fossem encarregados da campanha, já que, em sua opinião “Grande já tem cabeça, não é? Pequeno ainda é atrapalhado. Achamos que o quarto ano poderia bem se desincumbir dessa campanha”. Ao transcrever essa fala, Yvonne Jean dá a entender que, na percepção das próprias crianças, as maiores estariam em condições de atuar melhor que as mais novas, garantindo o êxito da campanha. O que as menores achavam da ideia, não sabemos, mas não se pode desconsiderar que estes eventos talvez fossem objeto de pequenas tensões geracionais entre os escolares, ao menos, na ótica do nosso pequeno Lula. Em todo caso, a jornalista finaliza seu relato afirmando que outras campanhas ainda estavam em preparação naquele estabelecimento. Em sua opinião, esse tipo de prática escolar era uma “excelente iniciativa que desenvolve a cooperação de todos para melhoramentos de sua escola que é de todos e também seu espírito cívico”.

Práticas de expressões artísticas

Um segundo grupo de atividades escolares veiculadas nas colunas de Yvonne Jean é o que podemos chamar de práticas de expressões artísticas.

Como vimos, na proposta de Anísio Teixeira para a educação em Brasília, a educação artística (junto com a física) caberia à Escola Parque enquanto a educação regular seria responsabilidade da Escola-Classe. Porém, ao longo da década de 1960, somente uma Escola Parque esteve em funcionamento na cidade, atendendo a não mais que cinco escolas-classe (PEREIRA e ROCHA, 2011). Assim, a informação dada por Yvonne Jean de que, nas escolas-classe, também havia práticas de expressões artísticas é importante, pois pode apontar que, na falta de acesso

à Escola Parque ou mesmo por influência das práticas de educação artística nelas realizadas (no caso de escolas-classe por ela atendidas), as professoras, por meio daquelas *táticas* certaunianas, incluíram tais práticas no currículo das escolas.

Falo em incluir porque, até 1963, não se tem notícia da existência de um currículo oficial para as escolas de Brasília. Somente naquele ano, por meio da Indicação Número 5 do Conselho de Educação do Distrito Federal, seria estabelecido o currículo das escolas-classe, abrangendo, dentre outras, a matéria educação artística (CEDF, 1963). É significativo que esse currículo tenha inserido a matéria “educação artística” para além do “desenho” (que, não obstante, também consta como matéria específica), como fora comum em boa parte do século XX nas escolas brasileiras; inclusão que parece já ter sido o entendimento anterior das professoras em suas práticas, como demonstra Yvonne Jean nas colunas que iremos examinar. Mais do que dois termos, são duas concepções pedagógicas distintas sobre o ensino de artes, conforme permite-nos conceber Alice Fátima Martins, quando escreve:

A partir das transformações pelas quais passaram as expressões artísticas e dos avanços das áreas da Psicologia e da Educação, ante os cenários histórico-sociais configurados no início do século XX, no tocante à inserção da arte na educação, definiu-se uma nítida divisão entre uma tendência que valorizava o ensino do desenho como técnica (geometria, cópia de estampas, etc.), nos ambientes das escolas regulares, e outra tendência que exaltava os elementos expressivos das atividades artísticas, em que pesavam a livre-expressão e a valorização do traço infantil. Esta última tendência encontrou abrigo, sobretudo, nas iniciativas fora das escolas regulares. Nesse cenário, a expressão artística da criança ganhou visibilidade, despertando o interesse de artistas, estudiosos, educadores e pesquisadores. Assim, o Movimento da Escola Nova, que influenciou profundamente as reformas educacionais, forneceu os referenciais para o ensino de arte baseado na livre expressão e na experimentação (Martins, 2011, p. 235).

É sobre esse segundo sentido das práticas artísticas como formas de expressão e experimentação pedagógica, disseminado a partir do

Movimento pela Escola Nova, base pedagógica do sistema de ensino de Brasília, que nos fala Yvonne Jean, quando apresenta aos leitores do *Correio Braziliense* os fazeres ordinários artísticos das escolas-classe da capital federal.

Uma primeira prática de expressão artística por ela relatada é a elaboração de cartazes como tema de aula na Escola-Classe 107 Sul, noticiada em 29 de maio de 1962:

ESCOLA CLASSE 107

Os alunos fizeram cartazes para a Merenda Escolar e para o Dia das Mães. A merenda foi um acontecimento importante: a escola da superquadra 107 foi a primeira a conseguir organizá-la, no plano piloto. O Dia das Mães, festejado com atraso, foi novo tema para os cartazistas que exporão suas obras na Escola Parque.

- Sérgio de Alvim Carneiro fez uma belíssima Brasília, de cores muito fortes – à la Djanira – linhas simples que dão os contornos do Congresso, Catedral e Bandeiras da Praça dos Três Poderes, poéticas como as de Guignard.

- Thales de Faria Siqueira localizou as áreas da terra, alegre como um grande balcão com as naus de Colombo navegando. Também ilustrou toda a Lei Áurea – um braço acorrentado sob fundo preto, a caneta da Princesa Isabel, diversas cenas, diversos dizeres – “A Lua passeia, a noite em paz, os escravos presos – pintura um tanto literária – mas cheia de imaginação e ternura.

Enfim, os navios de Maria Tann Rabelo Caravelas e o Vasco da Gama acadêmico, mas que barquinhos muito ajudam de Marc Aurélio Luís de Carvalho, completam um conjunto dos mais interessantes.

Aguardemos a exposição dos alunos da Professora Wilma

Branco (Jean, 1962d, p. 6).

A Escola-Classe 107 Sul era uma das cinco atendidas pela Escola Parque. Contudo, a colunista nos dá a entender que o que relata são práticas realizadas na própria escola e que seriam, posteriormente, expostas na Escola Parque. Em todo caso, pressupostos pedagógicos daquela escola estavam e circulação e podem ter sido apropriados a modo de tática

certeuniana pelas professoras. No caso, a elaboração de cartazes alusivos à merenda escolar – que são apenas mencionados – e cartazes alusivos ao Dia das Mães, que são detalhadamente apresentados aos leitores.

Pelo relato de Yvonne Jean, não temos como saber se os motivos dos cartazes foram definidos pelas professoras ou pelos estudantes. Mas podemos perceber que eram temas variados: iam do cotidiano das crianças, como a cidade de Brasília retratada por Sérgio Alvim Carneiro, temas históricos, como a Descoberta da América e a Lei Áurea (abordados por Thales de Faria), Vasco da Gama (escolha de Marc Aurélio Luís de Carvalho) e uma tema náutico, os navios de Maria Tann Rabelo Caravelas.

Yvonne Jean descreve os cartazes aos leitores fazendo uma apreciação artística, ou seja, destacando os modos como as crianças expressaram esses temas: 1) as linhas à la Djanira – que foi desenhista e cartazista brasileira, à época viva e já afamada – de Sérgio Alvim, “linhas simples que são os contornos do Congresso, Catedral e Bandeiras da Praça dos Três Poderes, poéticas como as Guignard” (Este último, pintor mineiro que faleceria dias depois desta menção); 2) os detalhes dos cartazes de Thales de Faria, como os dizeres no da Lei Áurea “A lua passeia, a noite em paz, os escravos presos” que a jornalista considerou “pintura um tanto literária, mas cheia de imaginação e ternura”. Ela os toma, desse modo, como obras artísticas produzidas por crianças, por meio das quais expressam suas visões sobre determinados temas que, possivelmente, eram objeto de estudo na Escola Classe 107 Sul. Ao final, os parabéns dados à professora Wilma Branco, nos lembram que, aqui, devemos ver não somente a agência infantil, mas também a mão do adulto que ensina e transmite saberes artísticos aos alunos, muito além do simples desenho, mas de uma verdadeira educação artística, como advogavam as tendências pedagógicas mais vanguardistas daquele período.

Outra prática de expressão artística, dessa vez na Escola-Classe 304 Sul, foi a elaboração de maquetes pelos alunos, objeto de nota na coluna de 2 de junho de 1962:

A 2ª série executou maquetes da superquadra 304. Pilotis de fósforos, concreto armado de papel colado sobre papelão, azulejos e mosaicos de guache representam perfeitamente os prédios, colocados numa tábua coberta de areia com filamentos de papel verde à guisa de grama. São verdadeiras maquetes, feitas com algum senso urbanístico... como não

podia deixar de ser numa cidade moderna em plena construção. Onde as crianças convivem com os problemas arquitetônicos. Boa iniciativa da Escola (Jean, 1962e p. 5).

A Escola-Classe 304 Sul não era atendida pela Escola Parque de Brasília. Assim, o único contato que seus alunos podiam ter com práticas de expressão artística eram aquelas propiciadas pela própria escola. Novamente, na ausência de um currículo oficial, por meio de táticas e bricolagens, as professoras procuravam suprir a falta da Escola Parque na vida dos estudantes, propiciando atividades como a elaboração de maquetes, noticiada brevemente na coluna de Yvonne Jean.

O tema das maquetes era algo conhecido pelos estudantes da segunda série: a superquadra 304. De acordo com os planos urbanístico e educacional, as escolas deviam ser frequentadas pelos estudantes moradores da quadra em que estas se localizavam. Assim, mais do que representar a quadra onde estudavam, muitos podem ter retratado a quadra em que também moravam. De novo vemos a vida tornando-se objeto de estudo e a escola interagindo com a vida, bem ao gosto das proposições pedagógicas da Escola Nova defendidas por Anísio Teixeira.

Para a construção das maquetes, os estudantes serviram-se de materiais diversos como fósforos, papelão, guache, areia, papel verde. Procurando ser fiéis à realidade urbanística da cidade, representaram os pilotis (colunas vazadas que sustentam os prédios, criando um grande vão livre, característica marcante da arquitetura do Plano Piloto de Brasília), os azulejos e mosaicos que embelezavam alguns prédios bem como a grama, que vinha sendo plantada para arborizar a cidade.

Na opinião de Yvonne Jean – fazendo uma apreciação artística do trabalho das crianças – “são verdadeiras maquetes, feitas com algum senso urbanístico”, isto é, expressando com alguma fidelidade – mas não sem a criatividade dos materiais que foram empregados – a realidade que os envolvia, de “uma cidade moderna em plena construção”. No conjunto, a prática era considerada uma “boa iniciativa da escola”, iniciativa que supria limitações da falta da Escola Parque na vida dos estudantes da Escola-Classe 304 Sul.

Por fim, uma última prática de expressão artística: a realização de teatros de fantoches, na Escola de Aplicação da Escola Normal de Brasília. Esta escola funcionou, a partir de 1962, num pavilhão de madeira

construído ao lado do Colégio Elefante Branco (escola de ensino secundário) (Pereira, 2011). De acordo com pesquisa realizada por Eva Waisros Pereira (2011, p. 193):

Ao iniciarem as aulas, a “Escolinha” de Aplicação não dispunha de móveis, fato esse que propiciou ao grupo uma rica experiência: o ensino fora da escola. Segundo relata a diretora da Escola de Aplicação, o grupo de professores discutia diariamente o que fazer e construía o currículo no cotidiano. A educação artística era valorizada como prática educativa, não só pelo processo de liberdade e criação que propiciava, mas como instrumento de integração das aulas.

É dentro deste contexto pedagógico que propiciava às professoras espaço para a criação e invenção do currículo da Escola de Aplicação – apropriando-se, dentre outros, das tendências pedagógicas da Escola Nova relativas ao ensino de artes – que devemos ler o que registrou Yvonne Jean na coluna de 30 de maio de 1962:

ESCOLA DE APLICAÇÃO

Os alunos da escola de aplicação do Elefante Branco têm um teatro de fantoches. Fazem os bonecos e cenários, escrevem as peças e representam. Nunca escolhem peças já escritas, a não ser para adaptá-las. Vão falando, improvisadamente e a professora toma nota. Os mais velhos fazem suas peças em grupo. Depois fazem os bonecos de acordo com o assunto. De pano, com meias, porque é mais rápido e fácil que a técnica de papel Marché.

- O teatro de bonecos encontra-se na cozinha. Mas a cozinha é grande. O prédio de madeira provisório é simpático e o ambiente bom (Jean, 1962f, p. 5).

É notável, na descrição fornecida pela jornalista, a centralidade das crianças na elaboração do teatro de fantoches: “fazem os bonecos e cenários, escrevem as peças e representam”, isto é, atuam em todas as etapas do processo de uma peça teatral, tendo oportunidade de desenvolver a autonomia e liberdade, elementos caros à pedagogia da Escola Nova. Davam espaço também à imaginação, já que “nunca escolhem peças já escritas, a não ser para adaptá-las”. A professora, como orientadora do processo educativo, anotava as ideias e enredos que as crianças iam

produzindo, para depois serem representados. Após definirem o tema e texto, passavam à fabricação dos bonecos, feitos de “pano, com meias, porque é mais rápido e fácil que a técnica de papel Marché”.

Não se pode ignorar, porém, o caráter de improviso com que a Escola de Aplicação vinha funcionando. Diferente das escolas-classe do Plano Piloto construídas em alvenaria a partir de diferentes modelos arquitetônicos, como estudados por Samira Bueno Chain (2018), esta funcionava num “prédio de madeira provisório”, mas que, naquele momento, era a instalação possível para o funcionamento da escola onde as normalistas deveriam testar e fazer seus experimentos pedagógicos. Tamanho era o improviso, que o teatro de fantoches funcionava na cozinha, que, emenda Yvonne Jean, era grande. Apesar dessas limitações materiais, o processo de educação das crianças estava se materializando em práticas escolares consideradas modernas e sintonizadas com os preceitos pedagógicos da Escola Nova e da educação artística que valorizava a expressão e criatividade das crianças. E disso, nos dá testemunho a jornalista do *Correio Braziliense*.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo analisar as práticas escolares nas escolas-classe de Brasília conforme veiculadas nas colunas da jornalista Yvonne Jean, no decorrer do ano de 1962. Nos detivemos sobre duas práticas em particular: as campanhas escolares e as práticas de expressão artística.

Nas campanhas escolares, flagramos a escola promovendo a integração com a comunidade, seja para atender necessidades da instituição escolar, seja para satisfazer demandas advindas da sociedade na qual estava inserida. Nas campanhas, realizava-se, de forma indelével, um dos objetivos da Escola Nova: a indissociabilidade da escola à vida. Já nas práticas de expressão artística, pudemos perceber como, dialogando com perspectivas pedagógicas de vanguarda sobre a educação artística defendidas pela escola Nova e buscando, na maioria dos casos, compensar a falta da Escola Parque na vida dos escolares, professoras e alunos fizeram dos cartazes, da maquete e do teatro, formas de expressar-se por meio da

arte, valorizando, sobretudo, a sensibilidade e participação infantil.

Nosso olhar foi guiado pelo da jornalista Yvonne Jean. Assim, é oportuno considerar que, ao recortar a realidade e tingi-la nas páginas do jornal, ela pôs em destaque as práticas que melhor correspondiam ao espírito da escola ativa, fazendo de sua coluna uma vitrine das realizações da educação em Brasília. Seus textos, nesse sentido, não apenas divulgavam o que se fazia em termos de práticas escolares na capital, mas reforçavam junto aos leitores o caráter moderno e ativo do processo de escolarização em movimento na cidade. Mais do que testemunhar, ela buscava, a seu modo, intervir em favor da consolidação do sistema de ensino brasileiro.

Referências

ANJOS, J. J. T. Ari Cunha e as críticas ao sistema de ensino de Brasília na coluna Visto, Lido e Ouvido (Correio Braziliense, 1960-1965). **História da Educação**. Porto Alegre, v. 26, p. 1-25, 2022c.

ANJOS, J. J. T. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan./abr. 2022a.

ANJOS, J. J. T. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). In: BERTOLETTI, E. N. M.; ZIMMERMAN; T. R. (orgs.) **Fontes históricas em perspectivas situadas**: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b, p. 37-54.

ANJOS, J. J. T. **Pais e filhos na Província do Paraná**: uma história da educação da criança pela família (1853-1889) (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-234.

CARVALHO, M. M. C. Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In: FREITAS, M. C.;

KULHMANN JR., M. (orgs.). **Os intelectuais na História da Infância**. São Paulo: Editora Cortez, 2002, p. 373-408.

CEDF. Indicação n. 5. **Boletim do Conselho de Educação do Distrito Federal**. Brasília, 1963.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAIN, S. B. **Cidade nova, novas escolas?** Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

CHARTIER, A.-M. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157-168, jul./dez. 2000.

DAVIS, N. Z. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DUARTE, M. S. **A educação pela arte: o caso Brasília**. Brasília: Editora da UnB, 2011.

JEAN, Y. Correio Estudantil – o ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 8 jun. 1962a.

JEAN, Y. Correio Estudantil – o ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 4 jul. 1962b.

JEAN, Y. Correio Estudantil – o ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 30 set. 1962c.

JEAN, Y. Correio Estudantil – o ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 29 mai. 1962d.

JEAN, Y. Correio Estudantil – o ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 2 jun. 1962e.

JEAN, Y. Correio Estudantil – o ensino dia a dia. **Correio Braziliense**. Brasília, 30 mai. 1962f.

LUZ, A. S.; ANJOS, J. J. T. A caixa escolar na historiografia educacional brasileira recente (2011-2021). **Revista Contemporânea de Educação**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 39, p. 175-193, mai./ago. 2022a.

LUZ, A. S.; ANJOS, J. J. T. Financiamento e usos da caixa escolar nos jardins de infância de Brasília (1960-1970). **Entreideias**. Salvador, v. 11, n. 3, p. 39-58, set./dez. 2022b.

MADEIRA, M. S. C. S. **As primeiras bibliotecas de Brasília: pioneirismo e memória**. (Monografia de Especialização). Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

MARTINS, A. F. O ensino de artes nas Escolas Parque. In: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.). **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 231-252.

MELO, V. R. **Aperfeiçoamento de professores primários nos primórdios de Brasília – Contribuições do INEP (1957-1964)**. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

MINEIRINI NETO, J. Yvonne Jean: o jornalismo na defesa da mulher, da arte e da educação. in: BARBOSA, A. M.; AMARAL, V. (orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio**. Arte, Design, Educação. São Paulo: Editora Cortez, 2019, p. 137-170.

MORELLI, A. L. F. **Correio Braziliense: 40 anos – do pioneirismo à consolidação**. (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

OTTO, F. **As associações auxiliares da escola e a forma de transmissão das dimensões valorativa e moral da sociedade catarinense: o caso das “Ligas da Bondade” (1935-1950)**. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

PEREIRA, E. W. Escola Normal de Brasília: a formação de professores na perspectiva da modernidade. In: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.). **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 179-202.

PEREIRA, E. W.; ROCHA, L. M. F. Escola Parque de Brasília: uma experiência de educação integral. In: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.). **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 161-178.

SILVA, R. P. Fragmentos de (auto)imagem: notas sobre o Fundo Yvonne Jean no Arquivo Público do Distrito Federal (1911-1981). **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 171-184, jan./jun. 2019.

TEIXEIRA, A. P. T. Yvonne Jean, Brasília e a UnB (1962-1965). In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/yvonne-jean-brasilia-e-a-unb-1962-1965/>. Publicado em: 19 mai. 2017.

TEIXEIRA, A. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961.

TEIXEIRA, A. Uma experiência de educação primária integral no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 38, n. 87, p. 21-33, jul./set. 1962.

Recebimento em: 22/08/2023.

Aceite em: 19/06/2024.